



SEÇÃO: VARIA

## Cristianismo e modernidade no pensamento filosófico de Henrique Cláudio de Lima Vaz<sup>1</sup>

*Christianity and modernity in the philosophical thought of Henrique Cláudio de Lima Vaz*

*Cristianismo y modernidad en el pensamiento filosófico de Henrique Cláudio de Lima Vaz*

**João A. Mac Dowell SJ<sup>2</sup>**

[orcid.org/0000-0001-9066-8589](https://orcid.org/0000-0001-9066-8589)  
[macdowsj@faculdadejesuita.edu.br](mailto:macdowsj@faculdadejesuita.edu.br)

**Recebido em:** 15/10/2021.

**Aprovado em:** 24/10/2021.

**Publicado em:** 30/06/2022.

**Resumo:** O artigo trata da primeira da fase, bem mais breve, do pensamento filosófico de Lima Vaz, reconhecido como um dos principais filósofos de sua geração no Brasil. Depois de fornecer algumas indicações sobre sua formação intelectual, detém-se na sua reflexão sobre as condições de reconciliação entre a mensagem cristã e o pensamento moderno através de seus artigos sobre "consciência histórica", visando resgatar o verdadeiro sentido da modernidade. Analisa também a aplicação feita por ele dessas ideias à solução dos graves problemas da sociedade brasileira então em debate, bem como a repercussão pública de sua proposta num momento decisivo da história nacional. Discute em seguida se ele com isso se mostra então favorável a um pensamento cristão alternativo à metafísica tradicional, concluindo por uma provável negativa.

**Palavras-chave:** Lima Vaz. Cristianismo e modernidade. Sociedade brasileira.

**Abstract:** The article deals with the first phase, much shorter, of the philosophical thought of Lima Vaz, recognized as one of the most important philosophers of his generation in Brazil. After providing some indications about his intellectual formation, it focuses on his reflection on the conditions of reconciliation between the Christian message and modern thought through his articles on "historical consciousness", aiming to rescue the true meaning of modernity. It also analyzes the application he made of these ideas to the solution of the serious problems of Brazilian society then under debate, as well as the public repercussion of his proposal at a decisive moment in national history. It then discusses whether he thus shows himself in favor of an alternative Christian thought to traditional metaphysics, concluding with a probable negative.

**Keywords:** Lima Vaz. Christianity and modernity. Brazilian society.

**Resumen:** El artículo trata de la primera fase, mucho más corta, del pensamiento filosófico de Lima Vaz, reconocido como uno de los principales filósofos de su generación en Brasil. Tras dar algunas indicaciones sobre su formación intelectual, se centra en su reflexión sobre las condiciones de la reconciliación entre el mensaje cristiano y el pensamiento moderno a través de sus artículos sobre la "conciencia histórica", con el objetivo de rescatar el verdadero sentido de la modernidad. También analiza su aplicación de estas ideas a la solución de los graves problemas de la sociedad brasileña entonces en debate, así como la repercusión pública de su propuesta en un momento decisivo de la historia nacional. Luego discute si así se muestra entonces a favor de un pensamiento cristiano alternativo a la metafísica tradicional, concluyendo con un probable negativo.

**Palabras clave:** Lima Vaz. Cristianismo y modernidad. Sociedad brasileña.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

<sup>1</sup> O presente texto autoral traz trechos do artigo intitulado "O pensamento de Padre Lima Vaz no contexto da filosofia contemporânea no Brasil", de 2011, publicado na *Revista Portuguesa de Filosofia*, v. 67, n. 2, p. 231-254, no intuito de resgatar e atualizar o material.

<sup>2</sup> Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), Belo Horizonte, MG, Brasil.

## Introdução

Na obra *Conversas com Filósofos Brasileiros*, publicada no ano 2000, apanhado mais representativo do momento filosófico do país, Henrique Cláudio de Lima Vaz comparece entre os dezesseis entrevistados, escolhidos antes de tudo pela "relevância intelectual e o papel desempenhado nos diversos processos de institucionalização da filosofia no Brasil".<sup>3</sup> Sua presença marcante no cenário filosófico nacional da segunda metade do século XX é, de fato, amplamente reconhecida.<sup>4</sup> Foram cinquenta anos de um pensar vigoroso que se irradiou em vastos círculos da intelectualidade brasileira, seja por uma série impressionante de publicações,<sup>5</sup> seja por seu ensinamento universitário.<sup>6</sup> Os historiadores das ideias filosóficas no país reservam-lhe um lugar de destaque ao tratar da época contemporânea.<sup>7</sup> São doze as teses de doutorado e trinta e uma as dissertações de mestrado sobre seu pensamento, defendidas tanto em universidades brasileiras como nas academias romanas, sem falar de outros estudos

que o focalizam.<sup>8</sup> Igualmente significativos são os testemunhos a respeito de sua obra filosófica prestados por figuras eminentes do campo filosófico.<sup>9</sup>

## O tomismo aberto da formação filosófica inicial de padre Vaz

Nascido em 1921 em Ouro Preto (MG) e falecido em Belo Horizonte em 2002, Henrique Vaz entrou aos 16 anos na Companhia de Jesus, cujo programa formativo seguiu com fidelidade, mas também com um toque pessoal inconfundível. Soube, com efeito, já desde o curso de filosofia, na mesma Faculdade jesuíta de Nova Friburgo (RJ), onde iniciará mais tarde o seu magistério, ultrapassar os limites rígidos dos manuais escolásticos, quer pelo recurso às fontes clássicas dos temas estudados, Aristóteles e Tomás de Aquino, quer pela leitura de autores, que representavam a linha de frente do neotomismo, como Sertillanges, Roussetot, E. Gilson, J. Maritain e J. Maréchal, sobretudo este último que inspirou

<sup>3</sup> NOBRE; REGO, 2000, p. 11.

<sup>4</sup> Ricardo Musse, professor de sociologia na Universidade de São Paulo, em resenha da obra citada, inclui Lima Vaz entre os nove dos dezesseis nomes selecionados pelos autores, que, a seu ver, "são praticamente unânimes no mundo filosófico brasileiro e constariam obrigatoriamente de qualquer lista isenta" (MUSSE, 2001).

<sup>5</sup> A bibliografia mais completa, mas ainda com algumas lacunas, encontra-se no site do "Memorial Padre Vaz", mantido pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), de Belo Horizonte. Disponível em: [www.padrevaz.com.br/index.php](http://www.padrevaz.com.br/index.php). Acesso em: 12 jan. 2022.

<sup>6</sup> "O Memorial Padre Vaz", localizado na Biblioteca da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, recolhe a documentação relativa ao jesuíta, em particular, cursos, conferências e outros trabalhos filosóficos inéditos, de sua autoria, conservados sob a forma de manuscritos ou em áudio e vídeo (<http://www.padrevaz.com.br>). Com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig) foram publicados até agora 3 volumes da Coleção *Escritos filosóficos inéditos de Henrique Cláudio de Lima Vaz: Contemplação e dialética nos diálogos platônicos*. Trad. do latim para o português de Juvenal Savian Filho. São Paulo: Edições Loyola, 2012; *A formação do pensamento de Hegel*. Edição, Introdução e Notas de Arnaldo Fortes Drummond. São Paulo: Edições Loyola, 2014; *Introdução ao pensamento de Hegel, tomo I: A Fenomenologia do Espírito e seus antecedentes*. Edição, Introdução e Notas de Arnaldo Fortes Drummond. São Paulo: Edições Loyola, 2020.

<sup>7</sup> Veja-se, p. ex.: 1) ACERBONI, Lidia. *A filosofia contemporânea no Brasil* (trad. João Bosco Feres). São Paulo: Grijalbo, 1969. p. 148-165; 2) ARRUDA CAMPOS, Fernando. *Tomismo e Neotomismo no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1968. p. 143-171; 3) CRIPPA, Adolfo (coord.). *Ideias filosóficas no Brasil, v. II: Século XX, parte I*. São Paulo: Convívio, 1978. p. 204 e passim; 4) DOMINGUES, Ivan: *A Filosofia no Brasil: legados e perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 2017. p. 45-49, 60-67, 328-330, 485-487, 522-524 e passim; 5) JAIME, Jorge. *História da filosofia no Brasil*, vol.3. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 279-294; 6) MOURA, Odilão. *As Ideias Católicas no Brasil*. Direção do pensamento católico do Brasil no século XX. São Paulo: Convívio, 1978. p. 237-238; 7) NOBRE, Marcos; REGO, José Márcio. *Conversas com Filósofos Brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2000a. p. 29-44; 8) OLIVEIRA TORRES, João Camilo. *História das ideias religiosas no Brasil: a Igreja e a sociedade brasileira*. São Paulo: Grijalbo, 1968. p. 233-240; 9) PAIM, Antônio. *História das ideias filosóficas no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1967. p. 261-267; 1974. p. 46-51; Ed. Universidades, 2007 (revista), v. 1, p. 63-69; 10) PAIM, Antônio. *As ideias políticas no Brasil*, vol. II. São Paulo: Ed. Convívio, 1979. p. 201-206; 11) PAIM, Antônio. *Curso de Introdução ao Pensamento Político Brasileiro*, v. VI: A opção totalitária. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1982. p. 49-53; 12) SEVERINO, Antônio Joaquim. *A Filosofia Contemporânea no Brasil*. Petrópolis: Vozes: 1997. p. 134-144; 13) SOUZA, Ricardo Timm de. *O Brasil Filosófico. História e Sentidos*. São Paulo: Perspectiva, 2003. p. 64-65; 14) VILLAÇA, Antônio Carlos. *O Pensamento Católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. p. 180-188; 15) VITA, Luiz Washington. *Panorama da filosofia no Brasil*. Porto Alegre: Globo, 1969. p. 146-147.

<sup>8</sup> Na bibliografia sobre ele do Memorial, continuamente atualizada, foram até agora identificados 19 livros, sendo 4 coletâneas, publicadas em comemoração dos seus setenta e oitenta anos e por ocasião de sua morte e de seu centenário, 119 artigos, 12 teses de doutorado e 31 de mestrado. Dentre os trabalhos acadêmicos dedicados ao pensamento de Lima Vaz destaca-se pelo seu caráter abrangente a tese de doutorado de Rubens Godoy SAMPAIO, intitulada *Metafísica e Modernidade: método e estrutura, temas e sistema em Henrique Cláudio de Lima Vaz*. Col. Filosofia v. 62. São Paulo: Ed. Loyola, 2006. 343 p. Importantes são também os livros, resultantes de teses de doutorado mais recentes: RIBEIRO, Elton Vitoriano. *Reconhecimento ético e virtudes*. São Paulo: Loyola, 2012. 207 p.; OLIVEIRA, Cláudia Maria Rocha de. *Metafísica e ética: a filosofia da pessoa em Lima Vaz como resposta ao nihilismo contemporâneo*. São Paulo: Loyola, 2013. 291 p.; SOUSA, Maria Celeste de. *Comunidade ética: sobre os princípios ontológicos da vida social em Henrique Cláudio de Lima Vaz*. São Paulo: Loyola, 2014. 215 p. publicados na Coleção *Estudos Vazianos*.

<sup>9</sup> P. ex.: SANTOS, 2002. O autor referido é professor titular da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas [Fafich] da Universidade Federal de Minas Gerais [UFMG] e é ex-reitor da mesma Universidade.

seu trabalho de conclusão de curso. Também durante o estudo de teologia na Universidade Gregoriana de Roma, entre 1945 e 1948, sua curiosidade intelectual levou-o a envolver-se com as ideias que provinham sobretudo da França na efervescência cultural daquele pós-guerra. Absorveu, não só as perspectivas abertas pela *nouvelle théologie*, representada por H. de Lubac, mas também entrou em contato com o existencialismo de Sartre, contato do qual surgiu seu primeiro artigo filosófico, de 1948.<sup>10</sup> Ainda que impressionado pelas análises fenomenológicas fulgurantes do autor de *L'être et le néant*, absoluta novidade "para quem crescera até então entre os muros sólidos e tranquilos de uma ontologia clássica". Aliás, Lima Vaz mantém uma clara distância crítica a respeito desta corrente, atitude da qual não mais recuará.<sup>11</sup> Ao contrário, o personalismo de E. Mounier, expressão mais significativa do pensamento de inspiração cristã no debate filosófico da época, marcou desde então a sua "leitura do mundo moderno nos seus aspectos políticos e sociais", tendo também chamado a sua atenção para a alternativa marxista.<sup>12</sup> Entretanto, é em Platão que ele vai buscar a consolidação dos fundamentos filosóficos de sua visão cristã da realidade, já lançados a partir de sua familiaridade com o pensamento de Tomás de Aquino e de Aristóteles. O estudo sistemático de seus diálogos, à luz dos principais comentadores contemporâneos, levá-lo-á a dedicar sua tese de doutorado em filosofia, também na Universidade Gregoriana, ao estudo da relação entre contemplação e dialética nos diálogos platônicos.<sup>13</sup> Antecipando um traço decisivo de seu perfil intelectual, busca "interpretar a *nóesis* em Platão como um resultado intrinsecamente ligado ao caminho – ou ao método – dialético, e não como uma intuição inefável e quase mística".<sup>14</sup> A precedência do discurso sobre a compreensão

meramente intuitiva das ideias, o caráter dialético e, portanto, temporal e historicamente condicionado do pensar, a sintonia que experimentará com a especulação hegeliana, serão constantes fundamentais de seu pensamento maduro.

A rápida apresentação do tirocinio filosófico do jesuíta, as influências recebidas e suas preocupações pessoais, já permitem entrever a orientação básica de seu filosofar. Por um lado, ele se acha solidamente ancorado na compreensão cristã do mundo, mais ainda, na experiência do mistério cristão, na fé, que acolheu e cultivou, que deu sentido a toda a sua vida, inclusive e especialmente a seu quefazer filosófico. Por outro lado, é igualmente decisivo o seu compromisso com a realidade atual, com o mundo humano, mundo moderno, especialmente na sua versão nacional, do qual se sente plenamente participante e que pretende compreender e servir com sua investigação. O que ele mesmo diz, ao resumir seu itinerário intelectual até 1964, abrange na verdade todo o arco de seu pensamento: "Cristianismo e mundo moderno: eis o ponto de convergência de tantas linhas de reflexão".<sup>15</sup> Repensar a proposta cristã, sua visão do mundo, como resposta aos desafios do pensamento moderno, e, ao mesmo tempo, oferecer, a partir da síntese entre história e transcendência, pistas de solução para os impasses da civilização contemporânea, tal é a missão audaciosa, da qual se sente investido diante da sociedade e da Igreja do Brasil. Procurará levá-la a cabo, sem alarde, com modéstia e despretenção, em uma reflexão minuciosa e perseverante, nunca encerrada, porém, nos limites estreitos, seja de uma interpretação puramente técnica dos autores estudados, seja do interesse por um mero enriquecimento intelectual. Ao longo dos anos, estará sempre atento às problemáticas emergentes, disposto a analisá-las e a posicionar-se ante elas, abordadas, no entanto, não do ponto

<sup>10</sup> LIMA VAZ, 1948, p. 55-65.

<sup>11</sup> Cf. LIMA VAZ, 1972, p. 418.

<sup>12</sup> LIMA VAZ, 1972, p. 418.

<sup>13</sup> A tese, escrita em latim com o seguinte título *De contemplatione et dialectica in dialogis platonis*, foi recentemente traduzida ao português pelo Prof. Juvenal Savian filho (UFESP) e publicada como primeiro volume da Coleção *Escritos filosóficos inéditos de Henrique Cláudio de Lima Vaz* (cf. LIMA VAZ, 2012).

<sup>14</sup> LIMA VAZ, 1982, p. 420.

<sup>15</sup> LIMA VAZ, 1982, p. 422.

de vista superficial de fatores momentâneos e circunstanciais, mas mediante um enquadramento histórico de longo fôlego e à luz de categorias abrangentes, consentâneas com as estruturas radicais da realidade humana.

### **Cristianismo e consciência histórica: condições da reconciliação entre a mensagem cristã e o pensamento moderno**

Podem-se distinguir *duas fases*, claramente demarcadas, ainda que de duração muito diversa, na atividade filosófica de Lima Vaz. Por um lado, os dez anos de permanência em Nova Friburgo como professor da Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus, entre 1953 e 1964; por outro, o período desde sua transferência para Belo Horizonte, os quase 40 anos, com um intervalo entre 1975 e 1981, quando foi diretor e professor da mesma Faculdade então no Rio de Janeiro. Em Belo Horizonte, foi professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais (Fafich/UFMG) e da Faculdade de Filosofia do Centro de Estudos Superiores (CES) da Companhia de Jesus, hoje denominada Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), até o fim de sua vida. Estas duas etapas se diferenciam, tanto em função da evolução interna de seu pensamento quanto da qualidade de sua repercussão no ambiente filosófico e na opinião pública em geral.<sup>16</sup>

Na tranquilidade da cidade serrana de Nova Friburgo Lima Vaz, ao mesmo tempo que se entregava ao ensino dos jovens jesuítas, mergulhava com afincamento no estudo do pensamento moderno, a fim de preencher as lacunas da formação precedente, tendo como escopo tanto a compreensão dos problemas filosóficos da ciência moderna, como o estudo dos pensadores que configuraram a cultura vigente, desde Descartes. O isolamento físico não o impedia, porém, muito pelo contrário,

de sensibilizar-se com o crescente bulício ideológico da sociedade brasileira e com as tensões resultantes do processo de modernização de suas estruturas anquilosadas, em um leque de opções conflitantes desde o nacionalismo desenvolvimentista até os programas comunistas mais radicais. Prenhes igualmente de promessas de renovação e *aggiornamento* na abertura para o mundo moderno eram para a Igreja Católica os anos do pontificado de João XXIII com a convocação do Concílio Vaticano II. Neste contexto, tornou-se-lhe imperioso o confronto com o pensamento de Marx, apressando, nesta perspectiva, o seu estudo também de Hegel. O marxismo, nas suas várias interpretações e aplicações determinava então o estilo de vida de um terço da humanidade, exercendo também intensa atração sobre largas faixas da população na Europa ocidental e no Terceiro Mundo, especialmente na América Latina, como proposta de solução para as gritantes injustiças sociais. Consciente da transcendência histórica deste fenômeno, dedicou-lhe em 1959 três artigos, publicados na revista *Síntese Política, Econômica e Social (SPES)*, recém-lançada por seu grande amigo desde os tempos de Roma, o jesuíta Fernando Bastos de Ávila.<sup>17</sup>

Nesses escritos, admiráveis por sua clareza e vigor lógico, bem como pela ampla informação bibliográfica – características, aliás, de toda a sua produção –, submete o pensamento de Marx, considerado como propriamente filosófico, a rigorosa crítica interna, em função de sua concepção das relações entre dialética e história, como inversão da perspectiva hegeliana. Ao passo que Hegel pretende conciliar a contingência histórica com a necessidade racional, ao “situar a razão mesma da história numa história da razão”, ou seja, numa dialética interna à consciência, para Marx, “a razão surgirá da história e esta encontrará sua razão no movimento dialético de suas

<sup>16</sup> Esta evolução de sua atitude intelectual é assim expressa por Lima Vaz no fim de sua vida: “Minha participação nos conflitos éticos da sociedade em que vivo lê o foco da pergunta a que respondo assumiu duas formas: na linha da ação, como foi o caso, por exemplo, de minha presença, aliás modestíssima, na conflituosa situação brasileira pré-64; e na linha da *reflexão*, que prossegue até hoje no exercício do magistério e nas investigações com que me ocupo, sobretudo no campo da Ética, e que procuro traduzir e comunicar em artigos e livros” (LIMA VAZ, 2000a, p. 40-41).

<sup>17</sup> Os artigos, publicados em 1959, foram reproduzidos com ligeiras modificações em: LIMA VAZ, 1968, cap.7 e cap.8, e em 2ª edição inalterada em LIMA VAZ, 2001, p. 121-161. As referências correspondem a esta edição.

determinações concretas".<sup>18</sup> Ora, como Lima Vaz procura demonstrar, ao analisar diferentes aspectos do pensamento marxiano, o seu postulado materialista, enquanto compreende a dialética como oposição entre o objeto como conteúdo concreto e o sujeito como consciência sensível,<sup>19</sup> conduz a ambiguidades insuperáveis. Com efeito, "retendo a 'forma' dialética em seus termos hegelianos",<sup>20</sup> não obstante sua afirmação da primazia do objeto sobre a consciência, Marx se vê diante da tarefa necessária, mas impossível, de "conciliar a ilimitação original da consciência, manifestada na criatividade dialética, e a limitação dos conteúdos naturais determinantes".<sup>21</sup> A contradição se instala assim no coração do projeto teórico marxiano, à medida que "lleva à categoria de absoluto o processo histórico no qual o 'ser consciente' acontece como um 'fato'",<sup>22</sup> sem perceber que "pensar a tensão dialética como Absoluto é transcendê-la. E transcender a tensão dialética é transcender a História".<sup>23</sup> Tais são para o autor os termos do:

conflito teórico que dilacera intimamente a concepção de Marx: um Absoluto deverá tecer-se dentro da história com os fios mesmos do relativo e do contingente, uma consciência deverá ser, ao mesmo tempo, o *resultado* – e, portanto, uma determinação empírica – do processo histórico e a sua *compreensão* – e, portanto, uma instância transcendente ao processo mesmo (LIMA VAZ, 2001, p. 161).

Ao interpretar o marxismo, a partir de sua inspiração hegeliana, como filosofia, que, enquanto tal, deve respeitar a amplitude da exigência filosófica como exigência de totalidade,<sup>24</sup> Lima Vaz mostra como "a insuficiência de suas premissas racionais vê-se suplementada e envolvida pelo dinamismo concreto de opções vitais", de um profetismo de cunho romântico, que contamina a

pureza racional de suas teses.<sup>25</sup> Daí a severidade do veredicto final: "Tendo lançado as velas ao sopro de uma rigorosa intenção de racionalidade, o marxismo vem arribar em pleno continente da mitologia social e política".<sup>26</sup>

O sentido agudo de sua responsabilidade de intelectual diante da sociedade e da Igreja brasileira leva padre Vaz a não se contentar em afastar a tentação marxista, mas a oferecer também uma orientação às forças vivas da nação naquela encruzilhada decisiva de sua história. Tratava-se, em primeiro lugar, de promover no plano teórico a superação do hiato que se vinha acentuando desde o início da era moderna entre a consciência cristã e a cultura dominante. Hiato particularmente acentuado no Brasil de então, seja pelo peso de uma tradição estática, carente de reflexão e pensamento, seja por um conservadorismo militante avesso a todas as expressões da modernidade. Tal o contexto dos dois artigos "Cristianismo e Consciência Histórica" de 1960 e 1961.<sup>27</sup> Sem reivindicar qualquer originalidade, como modestamente se exprime,<sup>28</sup> mas com domínio invejável da literatura a respeito, traça Lima Vaz um quadro imponente respectivamente de uma filosofia e de uma teologia da história, visão inteiramente nova tanto para o público católico, quanto, em geral, para o mundo acadêmico.

Com o termo "consciência histórica" ele designa a ideia hoje corriqueira da historicidade da consciência, expressa nas sucessivas visões do mundo ou interpretações globais da realidade, próprias de cada tradição e cultura. A forma da consciência histórica do homem ocidental moderno é definida como subjetividade, numa liquidação definitiva do "cosmos" natural do homem antigo.<sup>29</sup> A própria consciência histórica é um elemento estrutural da consciência moderna,

<sup>18</sup> LIMA VAZ, 2001, p. 123.

<sup>19</sup> LIMA VAZ, 2001, p. 138.

<sup>20</sup> LIMA VAZ, 2001, p. 127.

<sup>21</sup> LIMA VAZ, 2001, p. 125.

<sup>22</sup> LIMA VAZ, 2001, p. 154.

<sup>23</sup> LIMA VAZ, 2001, p. 155.

<sup>24</sup> LIMA VAZ, 2001, p. 128.

<sup>25</sup> LIMA VAZ, 2001, p. 123.

<sup>26</sup> LIMA VAZ, 2001, p. 161.

<sup>27</sup> LIMA VAZ, 1960, p. 45-69; LIMA VAZ, 1961, p. 35-66.

<sup>28</sup> LIMA VAZ, 1960, p. 46, palavras omitidas em *Ontologia e História*.

<sup>29</sup> LIMA VAZ, 1960, p. 45; LIMA VAZ, 2001, p. 165.

enquanto na modernidade o ser humano surge como sujeito historicamente ativo e criador de um específico universo de cultura.<sup>30</sup> A originalidade da consciência moderna reside, por um lado, em sua dimensão "futurista", que pode ser interpretada, como transposição do profetismo bíblico-cristão do reino de Deus no otimismo da razão e na perspectiva de um progresso contínuo da humanidade. Por outro lado, a gênese da consciência moderna mostra-se ligada visceralmente à ciência experimental, endossando os ideais de um novo racionalismo, que pretende desvendar toda a realidade com o emprego dos métodos e técnicas da pesquisa científica.<sup>31</sup>

À luz desta caracterização da modernidade, ele formula sua tese: a imagem moderna do mundo na forma do universo científico, que liberta a subjetividade dos quadros estáticos do "cosmos" antigo, longe de se opor à visão cristã, vai ao seu encontro, no plano das significações profundas.<sup>32</sup> Ainda que a problemática da relação entre modernidade e secularização não tivesse aflorado claramente àquela altura, Lima Vaz tem plena consciência da ousadia de sua afirmação e está atento a evitar qualquer concordismo fácil.<sup>33</sup> Com efeito, para a consciência histórica moderna, explica ele, o homem e sua ação constituem o princípio único de interpretação da história. Ela não admite outra transcendência senão a do próprio sujeito sobre o mundo material e sobre suas produções histórico-culturais, enquanto criador do universo das leis científicas e demiurgo da transformação técnica da natureza. Portanto, para a filosofia moderna a subjetividade é constituinte da própria realidade em uma visão evolutiva do universo que se apresenta como seu último horizonte.

Como este humanismo histórico absoluto poderá conciliar-se com o teísmo cristão? Lima Vaz responde a este desafio com duas constatações. Por um lado, as premissas do mundo moderno já estão dadas na visão cristã da história, que

ultrapassando a imagem de um universo estático e fechado sublinha a dimensão temporal da existência, como articulação de "eventos", como história, drama, decisão.<sup>34</sup> É a vida humana, ou seja, a subjetividade que fornece a compreensão fundamental do tempo, enquanto unifica o seu curso numa totalidade indivisível. A criação não é entendida como mera dependência, mas sim como ação fecundante que confere ao mundo o caráter permanente de gênese, de novidade, como processo evolutivo de desenvolvimento histórico. Os ideais proclamados pelo homem moderno, o universalismo, a liberdade, a responsabilidade pela existência individual e coletiva, a justiça e a fraternidade, o sentido da realidade e da história, não são senão transposições profanas de valores fundados na visão bíblica do mundo. Ainda que não tenham sido inteiramente explicitados na consciência da civilização cristã medieval, esses elementos, amplamente expostos no segundo artigo em pauta, pertencem, segundo padre Vaz, ao núcleo estruturante do conteúdo da revelação, de modo que, malgrado as aparências, a proposta da modernidade pode, em princípio, ser assumida e integrada pelo cristianismo.

Por outro lado, – e este é o argumento decisivo de sua tese – só a consciência cristã tem a solução para as ambiguidades e aporias, já claramente manifestas, da civilização moderna.<sup>35</sup> Com efeito, o projeto de "humanização" científico-técnica da natureza contém o risco fatal de anulação da subjetividade devorada por seus próprios instrumentos: perda do mistério da pessoa no anonimato da "função planificadora", primazia absoluta da ação eficaz sobre a contemplação da verdade, fechamento a qualquer compreensão do sentido total na dispersão das áreas de especialização e na futilidade da busca de satisfações superficiais e inconsistentes. Assim, em contraste com a inspiração humanista de suas origens, a cultura moderna, que nasceu da exaltação da subjetividade, como matriz do

<sup>30</sup> LIMA VAZ, 1960, p. 48; LIMA VAZ, 2001, p. 167.

<sup>31</sup> LIMA VAZ, 1960, p. 52-53; LIMA VAZ, 2001, p. 170-171.

<sup>32</sup> LIMA VAZ, 1960, p. 46; LIMA VAZ, 2001, p. 165.

<sup>33</sup> LIMA VAZ, 1961, p. 58; LIMA VAZ, 2001, p. 211.

<sup>34</sup> LIMA VAZ, 1961, p. 43; LIMA VAZ, 2001, p. 196.

<sup>35</sup> LIMA VAZ, 1961, p. 62; LIMA VAZ, 2001, p. 214.

projeto de humanização da natureza, tende a submergi-la "no anonimato implacável de seus instrumentos gigantescos e eficazes".<sup>36</sup>

Ora, a consciência histórica cristã, que "se constitui também pela afirmação da subjetividade criadora face ao mundo",<sup>37</sup> transcende nos seus fundamentos últimos o plano neutro dos instrumentos do seu quase mecânico progresso. De fato, ela concebe a própria subjetividade criadora como liberdade ética no plano mais profundo das opções concretas, nas quais a verdadeira ambiguidade da história se manifesta como terreno da salvação ou da perda. Conforme explica Lima Vaz:

Esta dimensão soteriológica da história não se encerra para a consciência cristã no horizonte do mundo e no sucesso de sua transformação. Ela passa além das obras do homem como ser cultural coletivo para referir-se ao destino transcendente e único da pessoa singular. [...] encontra, na participação a um Centro absolutamente pessoal e concretamente universal da história, o fundamento de sua ação histórica (LIMA VAZ, 1961, p. 64; LIMA VAZ, 2001, p. 216).

E continua:

Desta sorte, a emergência do mundo e da história unificados no Cristo [...] é a convergência das liberdades pessoais num sentido que finalmente se manifestará como a plenitude da paz divina envolvendo o homem e seu universo (LIMA VAZ, 1961, p. 65; LIMA VAZ, 2001, p. 217).

Com esta conclusão "resolutamente otimista em relação ao chamado 'mundo moderno'",<sup>38</sup> padre Vaz não só:

coloca sobre os ombros do cristão o peso de uma indeclinável responsabilidade e abre a seus olhos o horizonte de uma imensa esperança [...] na alegria genesiaca de uma criação nova que começa, a criação de um *mundo do homem* (LIMA VAZ, 1961).<sup>39</sup>

Ele dá também um tom apologético à sua reflexão filosófico-teológica, ao propor o cris-

tianismo como alternativa única e salvadora à desumanização que resultaria de uma modernidade não resgatada pela certeza de que "[a] aventura humana tem um *sentido* e marcha para um *triumfo* final".<sup>40</sup> Com efeito, diz ainda:

[S]em esta certeza ativa, [proporcionada pela fé, mas também identificável pela razão] "como o coração de seus projetos e a força secreta de sua marcha incessante e heroica no tempo, a humanidade há muito teria feito a experiência coletiva do seu absurdo e teria desaparecido no *taedium vitae* como um gesto inútil que se desfaz e morre em meio à sua trajetória (LIMA VAZ 1961, p. 66).<sup>41</sup>

Embora nunca tenha arrefecido em sua admiração pelas conquistas da modernidade, especialmente no campo das ciências, na explicitação dos direitos da pessoa e no aprofundamento filosófico de inúmeras questões referentes ao ser humano e à realidade, em geral, ele atribuirá mais tarde a interpretação dessa fase da história do Ocidente, proposta nos artigos em questão, a um "otimismo característico daqueles anos". E acrescenta:

Sem negar os aspectos positivos, ali realçados, da relação entre a consciência histórica bíblico-cristã e a consciência histórica moderna, as evoluções recentes nos mostram que essa relação é muito mais complexa e sua interpretação não pode prescindir do ateísmo da *práxis* especificamente moderna, que se mostra cada vez mais como a alma profunda do projeto histórico da modernidade (LIMA VAZ, 1997, p. 135, nota 19).<sup>42</sup>

Com efeito, como veremos mais adiante, Lima Vaz, ao aprofundar sua análise dos princípios da modernidade e de suas consequências culturais concretas, convenceu-se cada vez mais de que, "não obstante a homologia estrutural entre a *historia salutis* cristã e a história universal moderna, [...] [a] negação dialética do Absoluto cristão" constitui a "operação simbólica fundamental da

<sup>36</sup> LIMA VAZ, 1961, p. 64; LIMA VAZ, 2001, p. 216.

<sup>37</sup> LIMA VAZ, 1961, p. 64; LIMA VAZ, 2001, p. 216.

<sup>38</sup> LIMA VAZ, 1961, p. 61; LIMA VAZ, 2001, p. 214.

<sup>39</sup> Omitido em *Ontologia e História*.

<sup>40</sup> Omitido em *Ontologia e História*.

<sup>41</sup> Omitido em *Ontologia e História*. As palavras entre colchetes não são literalmente de Lima Vaz.

<sup>42</sup> Trata-se de republicação do artigo LIMA VAZ, 1990. Sobre a autoavaliação desta fase de sua trajetória, veja-se ainda: LIMA VAZ, 2000a, p. 32-33.

modernidade".<sup>43</sup>

### **Mentor contestado da juventude universitária católica: repercussões da reflexão filosófica de Lima Vaz num momento conturbado da vida política nacional**

Na época, porém, os artigos "Cristianismo e consciência histórica" e alguns outros que escreveu em seguida, prolongando no terreno social e político da realidade brasileira a reflexão teórica de caráter geral daqueles textos,<sup>44</sup> repercutiram intensamente na opinião pública. Criticando tanto a ideologia liberal-capitalista quanto o modelo teórico marxista-leninista, propõe, inspirado no ensinamento social cristão, especialmente na encíclica *Mater et Magistra* (1961) de João XXIII, a constituição de uma democracia social, que implique na liquidação da estrutura política e econômica do Estado liberal e capitalista. Até então praticamente desconhecido, torna-se repentinamente personagem influente nos meios envolvidos na discussão de uma reforma política e social que permitisse o acesso das massas populares à cidadania e promovesse, ao mesmo tempo, o desenvolvimento econômico e a justa distribuição da riqueza nacional. Eis como caracteriza hoje a descrição de padre Vaz, Paulo Arantes que o conheceu na época:

O caso do Pe. Vaz foi um caso absolutamente *sui generis* de intelectual público, mas absolutamente clandestino, porque ninguém sabia dele: ele não falava em público, não escrevia em jornal, mas estava por trás de um movimento social da maior importância. [...] Vocês imaginem uma pessoa enciclopédica como ele, sendo modesto (por razões pessoais, cristãs, ou ainda outras que a gente não sabe) num país de megálomanos... Isso era fantástico! Ele era,

portanto, um intelectual público, mas absolutamente privado. Essa é uma coisa interessante de ser pensada (ARANTES, 2005, p. 19).

Sua mensagem suscita, porém, violento repúdio dos setores mais conservadores tanto da intelectualidade católica, como do mundo político e empresarial. É acusado de marxista na imprensa por Gustavo Corção e por outros menos conhecidos em textos superficiais e apaixonados. Ecos tardios de tais julgamentos encontram-se na obra de Vicente Barreto e Antônio Paim, *Evolução do pensamento político brasileiro*. P. ex.:

Lima Vaz procurava evitar que sua pregação fosse confundida com o marxismo e o criticava. Mas basta ver o Documento Base da Ação Popular, que redigiu, para verificar que se trata do mesmo esquema totalitário posto em circulação no Brasil no IV Congresso do Partido Comunista, em 1954, numa versão sem dúvida mais extremada, porquanto os comunistas naquela oportunidade não defendiam o sistema de partido único (BARRETO; PAIM, 1989, p. 383).

De fato, o Documento Base da Ação Popular não foi redigido por Lima Vaz, segundo o testemunho dele e de outros diretamente envolvidos na sua gênese.<sup>45</sup> Vaz reconhece honestamente que colaborou na redação dos dois primeiros capítulos "de caráter filosófico-histórico e onde, justamente, há uma nítida afirmação personalista e uma crítica não menos nítida da versão marxista-leninista do socialismo".<sup>46</sup> Ao contrário, os textos mencionados por Paim referem-se à parte política do documento da Ação Popular, "em cuja redação ou inspiração – esclarece ainda padre Vaz – nenhuma parte tive."<sup>47</sup> Na verdade, assacar-lhe uma "opção totalitária", como faz Paim,<sup>48</sup> é algo absolutamente contrário a toda a

<sup>43</sup> LIMA VAZ, 1997, p. 135-136.

<sup>44</sup> Especialmente, LIMA VAZ, 1963, p. 8-33.

<sup>45</sup> LANDIM, 2000, p. 254-255.

<sup>46</sup> LIMA VAZ, 1979, p. 13-18; transcrito em PAIM, 1979, p.134.

<sup>47</sup> LIMA VAZ, 1979, p. 17.

<sup>48</sup> É justo e significativo acrescentar que nas primeiras edições (pelo menos até a 2ª de 1974) de sua obra consagrada *História das Ideias Filosóficas no Brasil* Antônio PAIM dedica largo espaço à exposição do pensamento inicial de Lima Vaz, que certamente valoriza, a ponto de oferecer-lhe em 1968 um exemplar da 1ª edição com a seguinte dedicatória: "Com admiração sincera, oferece Antônio Paim". Na verdade, ainda que não aceite o seu "espiritualismo cristão", Paim reconhece: "A tese, constante do mesmo ensaio [trata-se de "O cristianismo na direção axial da história", in LIMA VAZ, 1962b], segundo a qual o homem é criador da história antes de tudo como sujeito ético constitui talvez o enunciado mais expressivo do enorme progresso que a meditação do padre Vaz representa" (PAIM, 1967, p. 266). Entretanto, em edições posteriores, talvez como refluxo da polêmica de 1979, Paim reformula inteiramente sua análise do pensamento de Lima Vaz, interpretando-o de maneira claramente arbitrária, tendenciosa e ofensiva, à luz de uma nova – ou não externada até então – leitura do papel do jesuíta nos acontecimentos de 1964b (PAIM, 2007, p. 63-69). São distorções evidentes tanto dos escritos já



indole de seu pensamento. Ele defendeu, sem dúvida, na época, um tipo de socialismo, mas estritamente democrático.

A essas invectivas padre Vaz não retruca, a não ser ao severo ataque de Alfredo Lage nas duas partes de um longo artigo da revista católica *Vozes*, que lhe deu, aliás, imediatamente e com desculpas o direito de réplica.<sup>49</sup>

Diametralmente oposta é a reação do meio estudantil. Requisitado logo pela Juventude Universitária Católica (JUC), embora sem qualquer vínculo institucional com a associação, ministra cursos sobre estas temáticas nas suas Semanas Nacionais de Estudos (1961-1963). Estes contatos, além de fornecerem um ideário filosófico, capaz de orientar a práxis política do movimento estudantil, despertaram ou confirmaram o interesse pela filosofia em vários jovens universitários, que o tomaram como mentor. Alguns deles são hoje membros destacados da comunidade filosófica brasileira.<sup>50</sup>

O significado da intervenção de padre Vaz no cenário filosófico-político nacional do início da década de 60 é analisado com agudeza no "Depoimento", dado quarenta anos depois, em 2002, por ocasião do seu falecimento, por um de seus pupilos de então, Paulo Eduardo Arantes, hoje, como foi dito, professor da Universidade de São Paulo.<sup>51</sup> Situa a contribuição do jesuíta neste momento histórico entre dois estilos de fazer filosofia vigentes no Brasil de então. Por um lado, a filosofia acadêmica, rigorosa e erudita, que se consolidava na Universidade de São Paulo, gestada e alimentada pelas "missões" culturais francesas. Ainda que fossem efetivamente de esquerda, seus representantes voltavam as costas

para a realidade nacional, considerando populista e espúria qualquer tentativa de envolvimento direto da reflexão filosófica com a problemática social. Segundo o articulista, em vez de pensar o mundo, esta filosofia universitária propunha-se a "explicar os textos que permitiriam depois montar o jogo categorial que tornaria talvez possível um discurso sobre as coisas".<sup>52</sup> No outro extremo surgiam filosofias da história, que pretendiam interpretar a situação sociopolítica nacional e orientar a superação radical do subdesenvolvimento econômico e cultural, herança do colonialismo ainda não ultrapassado. Tratava-se, em particular, do marxismo ortodoxo do Partido Comunista e de uma filosofia do desenvolvimento nacional, patrocinada pelo Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e consubstanciada nos dois tomos da obra volumosa de Álvaro Vieira Pinto "Consciência e realidade nacional" (1960). Para Arantes, como consta do artigo já citado, tais projetos careciam absolutamente de fundamentação filosófica sólida e coerente – e é isso que, segundo ele, denunciava Lima Vaz, com vigor, ainda que respeitoso, e lucidez, surpreendente para a época, na resenha do livro de Vieira Pinto.<sup>53</sup>

É justamente como alternativa luminosa, seja a estas propostas de análise e solução da problemática sociocultural brasileira, seja aos dois estilos de filosofar há pouco esboçados, que o antigo militante da JUC vê agora a bandeira arvorada então por Lima Vaz nos textos acima comentados. Aliando o rigor e a profundidade do pensamento filosófico a um compromisso abnegado pelo destino da nação, ele propugnava um socialismo democrático fundado em "uma teoria da luta pelo reconhecimento, isto é, da regulação

---

estudados nas primeiras edições, como dos que se seguem até 1980. Ao citar uma frase de artigo desse ano [sem referência!], chega ao cúmulo de atribuir a Lima Vaz a afirmação de "que o caminho a seguir é o apontado por Komeini no Irã", exatamente o que ele exclui na mesma frase como "reinvenção de um sagrado arcaizante". Daí o absurdo de sua conclusão, que contraria frontalmente, como se verá ainda, as posições de padre Vaz a esta altura, enquanto crítico da Teologia da Libertação: "A Igreja de Lima Vaz acha-se despojada de religiosidade. [...] O projeto que deve realizar aquele 'sujeito ético' [proposto por Vaz] retira-lhe essa característica para torná-lo simples fanático político travestido em religioso" (PAIM, 2007, p. 68-69).

<sup>49</sup> LAGE, 1964a, p. 461-501; LAGE, 1964b, p. 581-602. O motivo do ataque foi o artigo já citado "A grande mensagem de S.S. João XXIII" (LIMA VAZ, 1962a, p. 92-109). A réplica de LIMA VAZ foi redigida em forma de Carta ao Redator da Revista (LIMA VAZ, 1964a, p. 641-651). LAGE retrucou ainda com um artigo (LAGE, 1965, p. 191-213). Os esclarecimentos definitivos foram dados em LIMA VAZ, 1965, p. 817-839; LIMA VAZ, 1966a, p. 40-53.

<sup>50</sup> Raul Landim Filho, Guido Antônio de Almeida, Paulo Eduardo Arantes, Tércio Sampaio Ferraz Jr., todos incluídos entre os dezesseis entrevistados em NOBRE; REGO, 2000. Como membros da JUC receberam também influência decisiva de padre Vaz em sua formação os sociólogos Herbert de Souza (Betinho) e Luiz Alberto Gomes de Souza, conhecidos por seu compromisso com as causas populares.

<sup>51</sup> ARANTES, 2005, p. 5-24.

<sup>52</sup> ARANTES, 2005, p. 17.

<sup>53</sup> LIMA VAZ, 1962c, p. 92-109.

moral dos conflitos sociais".<sup>54</sup> Na sua interpretação, tratava-se do que se chamaria hoje de um "paradigma da comunicação" em contraste com o paradigma da produção das outras propostas.<sup>55</sup> Rejeitando o caráter puramente imanente que as marcava, enquanto apoiadas no econômico, ele abria, como já se mostrou acima, através de uma reflexão filosófica, a perspectiva "da transcendência, com as suas implicações (a noção de pessoa, consciência e assim por diante)",<sup>56</sup> essencial para ele também enquanto fundamento da dimensão ética da existência individual e social.<sup>57</sup>

O impacto destas ideias no idealismo de uma juventude ansiosa por participar da luta pela redenção do povo brasileiro, é descrito ainda por Arantes nestes termos:

[A] novidade que seduzia nos textos do Vaz eram exatamente as relações que se estabeleciam entre filosofia, política e aquilo que nós poderíamos chamar de transcendência ou mística. A grande novidade era essa, principalmente para os membros da Ação Católica, isto é, a existência de uma espiritualidade de alta intensidade, que pensava filosófica e politicamente uma situação precisa, experimentada na pele, como era a dramática situação de subdesenvolvimento brasileiro [...].<sup>58</sup>

Munidos de programa tão atraente os universitários católicos assumem a direção da União Nacional dos Estudantes (UNE), canal importante de reivindicações políticas, até então bastião do Partido Comunista. Entretanto, as tensões com a hierarquia eclesiástica, resultantes desta militância política de esquerda, levaram um grupo de membros da JUC a criar um movimento independente, a Ação Popular (AP), cujo manifesto se inspirava parcialmente em ideias vazianas. Foi algo passageiro, pois logo o golpe militar de 1964 e a repressão que se seguiu, obrigaram muitos

a passar à clandestinidade, levando o núcleo resistente, em desacordo com as recomendações de Lima Vaz, a radicalizar sua posição numa linha marxista e a aderir em parte à luta armada. Transferido pouco antes pelos Superiores jesuítas para Belo Horizonte, onde iniciou seu magistério na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich) da Universidade Federal, padre Vaz assistiu impotente a estes acontecimentos trágicos. Ele mesmo foi alvo de investigação pelos órgãos de segurança. Submetido a alguns interrogatórios, que, como conta, em nada perturbaram as suas atividades, recebeu finalmente um *habeas corpus* do Superior Tribunal Militar em 1968.<sup>59</sup> Esta indenidade pessoal não suavizou de modo algum sua profunda decepção e sofrimento com o desfecho daquele período de grandes esperanças, em parte utópicas.<sup>60</sup> Dor causada, por um lado, pela interrupção violenta de um processo, certamente ambíguo, mas promissor, de promoção de uma nova ordem social, baseada na justiça e na liberdade; por outro, tanto pela repressão que se abateu sobre tantos jovens, muitos deles seus amigos, perseguidos, exilados, torturados, quanto pela evolução interior daqueles, a maioria talvez, que, abandonando a fé católica, tornaram-se agnósticos ou abraçaram o marxismo. Este distanciamento entre as respectivas visões do mundo não afetou, aliás, o respeito e a estima, de parte a parte, como provam os testemunhos dos interessados.<sup>61</sup>

### Reflexão crítica sobre o mundo contemporâneo: uma Filosofia da História e da Cultura

É difícil avaliar exatamente a repercussão desses acontecimentos na evolução do pensamento

<sup>54</sup> ARANTES, 2005, p. 23.

<sup>55</sup> ARANTES, 2005, p. 14-23.

<sup>56</sup> ARANTES, 2005, p. 20.

<sup>57</sup> É interessante notar que o autor do texto que viemos citando, embora, por ter-se tornado marxista, não concorde sem mais com as posições defendidas outrora por Lima Vaz, divisa nelas em 2002, por ocasião da vitória eleitoral do Presidente Lula, uma nova atualidade, como resposta adequada às esperanças de incorporação definitiva das classes subalternas no processo político e social, mediante a justiça e a solidariedade, o que não seria senão a efetivação da "ideia de formação do sujeito por meio da ideia de reconhecimento" (ARANTES, 2005, p. 23).

<sup>58</sup> ARANTES, 2005, p. 14-15.

<sup>59</sup> NOBRE; REGO, 2000, p. 30.

<sup>60</sup> Discreto, padre Vaz fala de passagem destes sentimentos no seu depoimento autobiográfico de 1974, ao referir-se justamente a "Cristianismo e consciência histórica": "artigo programático e militante, e que muitas decepções iriam pouco a pouco sepultar num passado cada vez mais distante" (LIMA VAZ, 1982, p. 423).

<sup>61</sup> Arantes sobre padre Vaz, citado acima em ARANTES, 2005, p. 19.

de Lima Vaz. No início da nova fase, em Belo Horizonte, a partir de 1964, ele ainda tem que se haver com os respingos das discussões provocadas por seus escritos. Trata-se de esclarecimentos e complementos das posições assumidas fornecidos em artigos que se prolongam até 1968.<sup>62</sup> Ele continua a ser solicitado a abordar em cursos e conferências, dados na mesma cidade, questões da atualidade tanto nacional como eclesial, o que faz sempre numa perspectiva histórica e sistemática de amplo respiro. Nestes anos e ao longo da década de 70 suas publicações tratam de diferentes aspectos da cultura contemporânea, em particular, o papel da Universidade, a questão da ideologia, a filosofia no Brasil,<sup>63</sup> a dimensão ética da ciência e da política, sem deixar de focalizar os autores aos quais vinha dedicando principalmente seus estudos: Platão, Tomás de Aquino, Hegel, e, por um tempo, Marx e Teilhard de Chardin.<sup>64</sup> Como intelectual cristão engajado – o que foi a vida inteira – suas intervenções distanciam-se, porém, pouco a pouco da situação conjuntural brasileira, para concentrar-se na reflexão sobre as dimensões estruturais da cultura moderna, que, como tal, afetam naturalmente também a realidade nacional.

Acompanha com atenção especial a problemática da fé na modernidade e, em particular, a nova imagem da Igreja, que emerge do Concílio Vaticano II, refletida para o Brasil nas orientações da II Conferência do Episcopado latino-americano em Medellín (1968). Abraçando cordialmente o programa de *aggiornamento* do Concílio e a opção preferencial pelos pobres da Igreja do Brasil, algo que vinha na linha de suas ideias e preocupações, concebe reservas crescentes em relação à "situação teórica ambígua" do projeto da Teologia da Libertação, então hegemônica no pensamento teológico do país. Sua crítica tem

um fundamento, por assim dizer, epistemológico.<sup>65</sup> Apontando a diferença entre a reflexão que havia exercido sobre a realidade brasileira, "que trabalhava com categorias filosóficas e, explicitamente, com análises sócio-econômicas", e a nova proposta, na qual "[c]lomo o nome indica, teoria e ideologia permaneciam dentro do âmbito da reflexão eclesial: pretendiam ser uma teologia", ele pergunta: "como fazer da teologia o instrumento de uma práxis social e, eventualmente, política, cujo objeto exige um tipo de análise econômica e sócio-política que a teologia, por definição, não pode fornecer?"<sup>66</sup> Mais preocupantes, a seus olhos, são, porém, as tendências persistentes, não só no Brasil, mas na Igreja Católica em geral, de promover a inculturação da mensagem cristã no mundo moderno, sem respeitar os traços fundamentais de sua identidade. Vai nesta linha sua denúncia vigorosa num texto mais recente:

Em nosso tempo, um risco infinitamente mais grave pesa sobre a identidade cristã, na medida em que teólogos e historiadores tentam suprimir o paradoxo de um "ateísmo de civilização", que se supõe dialeticamente articulado ao desenvolvimento da própria civilização cristã, aceitando reinterpretar a substância doutrinal do Cristianismo segundo os princípios e as consequências da ideologia da *práxis*. Essa imensa operação hermenêutica, que ocupa a cena do universo religioso neste fim do segundo milênio, acaba por fazer das Igrejas cristãs um dos lugares mais espetacularmente visíveis da crise presente, com a rápida e aparentemente incontrolável deterioração da sua fé e da sua moral, e com a banalização eclética, segundo os critérios do pluralismo e do individualismo dominantes, dos seus símbolos e dos seus ritos (LIMA VAZ, 1997, p. 136-137).<sup>67</sup>

Este diálogo com manifestações do pensamento moderno e contemporâneo prolonga-se até o fim de sua vida, sobretudo em editoriais, artigos e notas bibliográficas da revista *Síntese*, recolhidos em parte nas publicações *Escritos de*

<sup>62</sup> Destacamos os seguintes: LIMA VAZ, 1966b; LIMA VAZ, 1968.

<sup>63</sup> Sobre a filosofia contemporânea no Brasil, além de vários artigos, Lima Vaz publicou um importante anexo (LIMA VAZ, 1964b, p. 343-375).

<sup>64</sup> Veja-se especialmente LIMA VAZ, 1967.

<sup>65</sup> Veja-se especialmente LIMA VAZ, 1984, 5-19. Esse texto, com o título "Cristianismo e utopia", constitui o Anexo X de LIMA VAZ, 1986, p. 291-302.

<sup>66</sup> LIMA VAZ, 2000a, p. 33.

<sup>67</sup> O artigo publicado por LIMA VAZ, 1990, p. 5-14, foi transcrito em LIMA VAZ, 1997, p. 121-138, donde é citado. O autor remete a um texto seu dedicado mais diretamente ao assunto (LIMA VAZ, 1988, p. 27-47), bem como ao livro de Alphonse DUPRONT, por ele traduzido ao português (LIMA VAZ, 1995a, p. 27-48).

*Filosofia I-III*, especialmente no terceiro da série.<sup>68</sup> Malgrado sua aparência episódica e fragmentada, estas reflexões se articulam numa Filosofia da História e da Cultura, de notável coerência e profundidade. Nesses textos Lima Vaz exprime cada vez mais claramente sua conclusão de que a cultura moderna, em virtude da absolutização do sujeito humano, é, nos seus próprios fundamentos, essencialmente imanente. Daí a sua radical incompatibilidade com a visão cristã do mundo, fundada na abertura do espírito humano para um Absoluto transcendente, princípio e fim de toda a realidade. Ele já reconheceu nos artigos sobre "Cristianismo e consciência histórica" que o pensamento moderno havia de fato assumido esta feição, redutora de qualquer autêntica transcendência. Julgava, no entanto, que, enquanto derivado da matriz bíblico-cristã, ele poderia, não obstante os impulsos contrários, ser reconduzido às suas origens, valorizando uma razão que tende para a verdade completa, sem, contudo, identificar-se jamais com ela. Mera possibilidade, sustentada então pela esperança, mais do que por análises objetivas. É, portanto, essa esperança que cai por terra, ao concluir que a modernidade, como tal, é irredimível, à luz da reflexão sobre suas raízes e sobre os frutos que efetivamente vem produzindo no mundo hodierno. A rota histórica da civilização moderna não constitui, pois, apenas um desvio, resultante do predomínio da razão científica e instrumental, que poderá ser sanado por um retorno aos ideais puros do Iluminismo. Ao contrário, é inerente, a seu ver, ao próprio projeto moderno. É o que manifestam afirmações como essa:

As filosofias da subjetividade, expressão simbólica por excelência desse prometeísmo antropológico da modernidade, são a sua consagração filosófica, assim como o individualismo é a sua consagração ideológica (LIMA VAZ, 1997, p. 134).

Ou ainda: "É, portanto, a concepção da *práxis*, absolutizada na sua imanência, que constitui, no nível *simbólico*, o centro da estrutura radial da

história universal moderna".<sup>69</sup>

Mas também a chamada pós-modernidade, longe de proporcionar a oportunidade de um novo acesso ao transcendente, cerra ainda mais o horizonte de qualquer superação genuína da imanência pela absolutização do sujeito individual e de seu arbítrio. É neste contexto que Lima Vaz situa a crise ética contemporânea:

Nosso tempo acompanha, silencioso e perplexo, o enterro das utopias, e na volta desse caminho apresenta-se já a pós-modernidade anunciada por seus ideólogos como reino da negação do universal, do niilismo ético e da contradição vivida do não-sentido (LIMA VAZ, 1997, p. 129).

A crise da modernidade atinge o seu paroxismo, à medida que, enquanto

"civilização universal pela difusão planetária das suas obras e do seu *way of life* [...] não logrou infundir nessa universalidade um *ethos* que fosse o princípio vital da sua unidade e do seu sentido".<sup>70</sup>

Com efeito, o mundo da cultura como mundo propriamente humano é coextensivo ao *ethos*, que proporciona a humanização do indivíduo e a integração da sociedade. Daí a preocupação crescente de padre Vaz com a *práxis* do homem contemporâneo, para o qual

[T]odos os meios vão se tornando acessíveis para o *uso* da liberdade, enquanto vão se obscurecendo, uma a uma, as *razões* de ser livre. [...] *Usar* ilimitadamente da liberdade sem conhecer os *fins* da liberdade: tal é a prática social que se difunde universalmente como sucedâneo aético do que deveria ser o *ethos* da primeira civilização universal. Essa, é [...] a experiência mais abissalmente perigosa [...] que a humanidade jamais terá feito (LIMA VAZ, 1997, p. 137-138).

A problemática de um *ethos* universal, como para outros pensadores de nosso tempo, torna-se assim o *leitmotiv* da última fase de sua reflexão:

[T]erá chegado para a modernidade o momento de ultrapassar o espaço de sombra do *niilismo ético* que, nesse fim de milênio, se estende sobre sua rota histórica e prosseguir,

<sup>68</sup> LIMA VAZ, 1986, 310 p.; 1988, 295 p.; 1997, 376 p.

<sup>69</sup> LIMA VAZ, 1997, p. 135.

<sup>70</sup> LIMA VAZ, 1997, p. 129.

nos tempos do milênio que já se anuncia, à luz de um *ethos* correspondente ao seu designio civilizatório universal? (LIMA VAZ, 1997, p. 128).

A partir de sua convicção inabalável na abertura constitutiva do ser humano para a transcendência, ele julga que esta reversão não poderá ser adiada indefinidamente:

Tudo, portanto, leva a crer que um passo além da pós-modernidade – e esse passo será dado necessariamente pelo homem do século XXI – consistirá em repropor, provavelmente em novos termos, nas diversas instâncias da cultura, sobretudo nas instâncias ética, filosófica e religiosa, o problema da *transcendência* como problema de um *Transcendente* que se eleve acima da natureza, do sujeito e da história (LIMA VAZ, 1997, p. 118).

Noutro artigo da mesma época, ele aponta para o âmbito onde, a seu ver, essa transcendência do Absoluto poderá a vir a ser reafirmada a partir de uma nova experiência da verdade que constitui o núcleo da mensagem cristã:

Se, depois de transformações tão profundas do espaço natural e do espaço mental do homem moderno, o Princípio não se mostra mais visível na ordem da Natureza, segundo o modelo da *scala creaturarum*, será talvez na presença do outro como *alter ego* que ele deverá transluzir. Então sua transcendência se manifestará como a do *Outro* absoluto, portanto irreduzível à imanência do sujeito e, no entanto, dele infinitamente próximo, pois se faz presente em toda forma de reconhecimento e, exemplarmente, na reciprocidade oblativa do amor. [...] [A] tradição cristã guarda, aqui a riqueza de uma palavra – *Deus é amor* –, que poderá, na aurora do terceiro milênio, ser a luz de um dia mais humano para os homens reunidos numa civilização universal enfim viável (LIMA VAZ, 1997, p. 151).

### Pensamento cristão alternativo à tradição metafísica?

Na verdade, a ojeriza de Lima Vaz pelo pensamento pós-moderno, não vem apenas da situação cultural que reflete e dos conteúdos que veicula, mas também de sua índole relativizante e avessa à racionalidade objetiva. Embora reconheça os

limites da razão, ele valoriza sobremaneira o discurso lógico e sistemático. Essa característica de seu pensar fornece talvez a solução de um enigma que surge do confronto de certas perspectivas abertas nos seus escritos da primeira fase com o desenvolvimento posterior de seu sistema filosófico. Com efeito, no segundo artigo sobre "Cristianismo e consciência histórica" ele contrapõe tão taxativamente as categorias do pensamento bíblico ao naturismo cósmico da filosofia antiga que se poderia ser levado a duvidar da possibilidade de exprimir o conteúdo da revelação nos esquemas metafísicos herdados do pensamento grego.

Tal contraposição é expressa em frases como as seguintes. A unicidade do Deus de Israel não é uma unicidade *demonstrada* pela exigência lógica "de um Uno ideal oposto dialeticamente à multiplicidade das determinações racionais ou à dispersão do sensível", mas a "unicidade de Deus revelada pela unidade de um *designio histórico*, pela constância de uma Palavra fiel a si mesma".<sup>71</sup> A "verdadeira significação da transcendência divina [...] não se estabelece a partir de uma crítica do 'mundo', de uma dialética ascendente a modo do *eros* platônico", que leva à concepção "de um Deus transcendente como de um ser para além das determinações"; a transcendência bíblica resulta, ao invés, da "experiência histórica da 'eleição'", em um "assumir a história humana como reveladora por excelência do ser e da ação de Deus".<sup>72</sup> Destarte, na tradição bíblica a "descoberta de Deus não assume em nenhum momento a forma de uma 'contemplação' em que o espírito se eleve pelas próprias forças além dos planos ascendentes do universo", mas é o universo que "se descobre pouco a pouco, a partir da experiência do 'encontro com Deus'".<sup>73</sup> Nesta perspectiva, o ser humano é 'imagem de Deus', não, porém, no sentido de "um esquema exemplarista, como um 'eikôn' que reflete imperfeitamente um paradigma perfeito", mas com "o caráter concreto e dinâmico de uma espécie de

<sup>71</sup> LIMA VAZ, 1961, p. 39; LIMA VAZ, 2001, p. 192-193.

<sup>72</sup> LIMA VAZ, 1961, p. 40; LIMA VAZ, 2001, p. 193-194.

<sup>73</sup> LIMA VAZ, 1961, p. 41; LIMA VAZ, 2001, p. 194.

'situação' ontológica original e única do homem em face do mundo: uma antropologia que exclui "no homem qualquer dualismo de substâncias opostas" e "em que a transcendência ativa do homem sobre o mundo formula-se em termos de uma dialética histórica de *transformação*, e não de uma dialética intemporal de *contemplação*".<sup>74</sup> Lima Vaz resume as considerações feitas sobre os vários aspectos da condição humana na frase seguinte:

O dualismo do homem [...] não é assim um dualismo de *natureza*, mas o dualismo de um *sentido de vida*: uma ambiguidade que se levanta a cada passo do homem na história, que faz da história um diálogo dramático entre o homem e o universo, e a articulação sempre recomeçada de uma resposta pela qual o homem deve assumir livremente a carga de toda a criação em face do apelo de Deus (LIMA VAZ, 2001, p. 198-199).<sup>75</sup>

E conclui:

As grandes categorias da história santa definem-se assim, numa linha rigorosamente existencial, enquanto exprimem as estruturas fundamentais da existência humana não como constitutivos de uma 'essência', mas como 'situações' de uma 'história'. [...] [S]ão a Palavra ou Promessa, a Aliança divina, a Presença mesma de Deus mediante seus 'sinais'. Por elas o tempo se estrutura numa direção definida, ergue-se como um relevo cujas linhas obedecem a um sentido único, torna-se, enfim, convergente. É a partir daqui que a consciência de Israel descobre, em sua experiência histórica, uma dinâmica, a manifestação privilegiada do designio de Deus (LIMA VAZ, 2001, p. 199-200).

Diante de tais afirmações seria legítimo perguntar se a experiência cristã do mundo poderia ser traduzida sem deturpação em um sistema conceitual tão contrário à sua índole como se revela o pensamento grego nas antíteses formuladas no texto de Lima Vaz. Não seria o caso de buscar uma nova linguagem filosófica mais afim ao caráter existencial e histórico da mensagem revelada? É difícil imaginar que tal problemática não tenha aflorado na sua mente àquela altura,

ainda que a alternativa assim entrevistada não tenha sido explorada. Se uma opção a este respeito efetivamente ocorreu então, como explicar o aparente recuo diante da oportunidade, mais ainda, da insinuação da conveniência, de uma remodelagem filosófica do conteúdo da visão cristã da realidade? De fato, anos mais tarde, em um contexto bem diverso, ele voltará a abordar esta alternativa, numa dupla perspectiva. Por um lado, leva a sério e discute detalhadamente a proposta de um itinerário pós-metafísico para o Absoluto, para afinal rejeitá-la.<sup>76</sup> Por outro lado, reinterpreta brilhantemente, mas em termos harmonizadores, a oposição entre a mediação descendente do Absoluto divino na Palavra revelada, própria da experiência bíblico-cristã, e a mediação ascendente, própria da filosofia antiga, que atinge o Princípio transcendente através do discurso racional. Em outro artigo volta à questão:

Limitamo-nos a examinar brevemente a estrutura fundamental do discurso filosófico-teológico cristão, para nele descobrir o ponto nodal em que a experiência da *transcendência* da tradição bíblica, interpretada na linguagem da Revelação, e a experiência da *transcendência* da tradição grega, interpretada na linguagem da Razão, vieram articular-se num discurso coerente, não obstante a oposição *per diametrum* dos vetores intencionais que, nos dois casos, indicam a direção da transcendência, o primeiro apontando uma direção de 'descida' (*katabasis*) do Transcendente à *imanência* do mundo, o segundo uma direção de 'subida' (*anabasis*) da mente desde a imanência do mundo à contemplação (*theoria*) do Transcendente (LIMA VAZ, 1997, p. 215).<sup>77</sup>

## Considerações finais

Na verdade, ao longo de toda a trajetória de seu pensamento, padre Vaz não só conservou, ainda que numa versão peculiar, os pressupostos metafísicos da tradição filosófica cristã, que vazou a experiência evangélica nas categorias da reflexão grega, mas também defendeu, repetidas vezes, o acerto providencial e a indissolubilidade deste casamento.<sup>78</sup>

<sup>74</sup> LIMA VAZ, 1961, p. 43-44; LIMA VAZ, 2001, p. 196-197.

<sup>75</sup> LIMA VAZ, 1961, p. 45-46; LIMA VAZ, 2001, p. 198-199.

<sup>76</sup> LIMA VAZ, 1997, p. 255-282. Trata-se de Nota Bibliográfica sobre dois textos, de inspiração heideggeriana, do teólogo católico Yves Lacoste publicada anteriormente em LIMA VAZ, 1995b, p. 241-258.

<sup>77</sup> LIMA VAZ, 1992a, p. 147-165. Citado segundo a edição de 1997.

<sup>78</sup> Veja-se [p.ex.](#) LIMA VAZ, 1997, p. 230-234; 279-282 e também LIMA VAZ, 1999, p. 293-395.

Entretanto, em seus textos, ele não parece responder cabalmente à problemática implícita nas antíteses por ele mesmo formuladas e acima mencionadas. A tradição filosófico-teológica cristã incorpora, sem dúvida, como mostra, mas numa perspectiva já metafísica, os elementos da mensagem revelada, estranhos ou contrários ao pensamento antigo, em particular, a transcendência absoluta de um Deus pessoal, que cria livremente a realidade humano-mundana, como participação limitada de seu ser infinito. O Deus da via descendente, com as categorias de pensamento que a caracterizam, permanece, porém, acessível apenas à fé em uma revelação histórica, cujo conteúdo compete à teologia elaborar racionalmente. Resta à filosofia o acesso ao divino tão somente pelo itinerário metafísico da via ascendente, que o alcança dedutivamente como fundamento eterno da realidade temporal.

É verdade que nos próprios escritos sobre "Cristianismo e consciência histórica" ele considera, como se viu, a metafísica moderna da subjetividade, desde que polida de seu viés imanentista, uma expressão válida da visão cristã do mundo. Mas não é justamente este princípio da subjetividade, mesmo que não tomado como solo originário do ser e do pensar, mas como plataforma de lançamento da razão no espaço ilimitado da conquista do Absoluto transcendente, como proporá Lima Vaz, que seria contestado pela experiência bíblica de um Deus, que vem ao encontro do ser humano e se deixa reconhecer como presente no âmago de sua consciência e de sua história? A abordagem de Lima Vaz não levaria suficientemente em conta, ao que tudo indica, a situação histórica do ser humano no plano divino da criação, conforme a ideia do "existencial sobrenatural", proposta por Karl Rahner, na esteira de Henri de Lubac, autores por sinal estimados por ele.<sup>79</sup> Nessa perspectiva fenomenológica, não-metafísica no sentido tradicional, veiculada hoje por alguns autores

cristãos, o Absoluto transcendente poderia ser de algum modo experimentado na imanência da mente humana, como tal, experiência, em princípio, tematizável pela razão filosófica.

Será que, marcado na carne pelo caráter conflitivo e frustrante da experiência dos anos pré-64, deixou-se intimidar ante a aventura, muito mais arriscada, de engajar-se na reformulação das próprias bases do pensamento filosófico cristão? Ou terá sido sua propensão natural, já notada acima, para a racionalidade discursiva que o levou espontaneamente a evitar as tonalidades afetivas e vivenciais da tentativa de traduzir a experiência existencial do cristão em categorias do pensar, à maneira por exemplo de um Pascal ou de um Kierkegaard? Postas de lado tais conjecturas, o certo é, em todo caso, que Lima Vaz, podendo, sem dúvida, alegar muitas boas razões em favor de sua posição, manteve-se firmemente apegado ao esquema metafísico do pensar, como único condizente com a própria estrutura da razão humana.<sup>80</sup>

Isso não exclui que ele tenha cogitado em acolher alternativas a seu modo de pensar filosoficamente. Com efeito, em artigo publicado pela primeira vez em 1991, como vimos anteriormente, chega a perguntar se as transformações ocorridas nos últimos séculos e ainda em curso não tornariam inviável o acesso ao primeiro princípio a partir da natureza (*physis*), como pretendia a metafísica clássica. Seria então no *outro*, visto na reciprocidade oblativa do amor, forma privilegiada de reconhecimento, que se manifestaria o *Outro absoluto*, irredutível à imanência do sujeito. Para tanto, recorda, a tradição cristã oferece uma pista "na riqueza de uma palavra – Deus é amor (1 Jo 4,8) [...] que poderá, na aurora do terceiro milênio, ser a luz de um dia mais humano [...]".<sup>81</sup> Tal desiderato não foi, porém, efetivado por Lima

<sup>79</sup> A não ser que se interprete neste sentido de uma experiência do Transcendente a pista que ele aponta, sem chegar a trilhá-la, no texto LIMA VAZ, 1997 p. 151, já citado no fechamento seção "Reflexão crítica sobre o mundo contemporâneo: uma Filosofia da História e da Cultura" do presente texto.

<sup>80</sup> É o que supõem também suas belas reflexões sobre a mística cristã no opúsculo: LIMA VAZ, 2000b, 90 p. Trata-se de uma versão modificada do artigo LIMA VAZ, 1992, p. 493-541.

<sup>81</sup> LIMA VAZ, 1997, p. 151. Texto já publicado em LIMA VAZ, 1991, p. 5-11.

## Referências

- ARANTES, Paulo E. Um depoimento sobre o Padre Vaz. Síntese – Revista de Filosofia, Belo Horizonte, v. 32, n. 102, p. 5-24, 2005.
- BARRETO, Vicente; PAIM, Antônio. Evolução do pensamento político brasileiro. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.
- LAGE, Alfredo. A Formação Marxista I. Revista Vozes, Petrópolis, v. 58, n. 7, p. 461-501, 1964a.
- LAGE, Alfredo. A Formação Marxista II. Revista Vozes, Petrópolis, v. 58, 1964b, n. 8, p. 581-602.
- LAGE, Alfredo. O pensamento ideológico. Revista Vozes, Petrópolis v. 59, n. 3, p. 191-213, 1965
- LANDIM FILHO, Raul. Entrevista. In: NOBRE, Marcos; REGO, José Márcio. Conversas com Filósofos Brasileiros. São Paulo: Editora 34, 2000a. p. 254-255.
- LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. Existencialismo. Revista, Verbum, Rio de Janeiro, 1948.
- LIMA VAZ, Henrique C. de. Marxismo e Filosofia (I). Síntese Política, Econômica, Social (SPES), Rio de Janeiro, n. 1, p. 29-44, 1959a.
- LIMA VAZ, Henrique C. de. Marxismo e Filosofia (II). Síntese Política, Econômica, Social (SPES), Rio de Janeiro, n. 2, p. 46-64, 1959b
- LIMA VAZ, Henrique C. de. Marxismo e Filosofia (III). Síntese Política, Econômica, Social (SPES), Rio de Janeiro, n. 3, p. 48-68, 1959c.
- LIMA VAZ, Henrique C. de. Cristianismo e consciência histórica I. Síntese Política, Econômica e Social (SPES), Rio de Janeiro, n. 8, p. 45-69, 1960.
- LIMA VAZ, Henrique C. de. Cristianismo e consciência histórica II. Síntese Política, Econômica e Social (SPES), Rio de Janeiro, n. 9, p. 35-66, 1961.
- LIMA VAZ, Henrique C. de. A grande mensagem de S.S. João XXIII. Síntese Política, Econômica e Social (SPES), Rio de Janeiro, n. 18, p. 8-33, 1962a.
- LIMA VAZ, Henrique C. de. O Cristianismo na direção axial da história. In: LIMA VAZ. Cristianismo hoje. Rio: Editora Universitária, 1962b.
- LIMA VAZ, Henrique C. de. Consciência e realidade nacional (resenha). Síntese Política, Econômica e Social (SPES), Rio de Janeiro, n. 14, p. 92-109, 1962c.
- LIMA VAZ, Henrique C. de. Acerca de "A Formação Marxista". Revista Vozes, Petrópolis, v. 58, n. 9, p. 641-651, 1964a.
- LIMA VAZ, Henrique C. de. O pensamento filosófico no Brasil de hoje. In: FRANCA, Leonel. Noções de história da Filosofia. 17. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1964b. p. 343-375.
- LIMA VAZ, Henrique C. de. Cristianismo e História. Revista Vozes, Petrópolis, v. 59, n. 11, p. 817-839, 1965.
- LIMA VAZ, Henrique C. de. Ideologia e Verdade. Revista Vozes, Petrópolis, Petrópolis, v. 60, n. 1, p. 40-53, 1966a.
- LIMA VAZ, Henrique C. de. O Absoluto e a História. Paz e Terra, Rio de Janeiro, n. 2, p. 61-93, 1966b.
- LIMA VAZ, Henrique C. de. Universo científico e visão cristã em Teilhard de Chardin. Petrópolis: Vozes, 1967.
- LIMA VAZ, Henrique C. de. Ontologia e História, cap. 6: Marxismo e Ontologia, cap.7 e cap.8, Cristianismo e consciência histórica I e II. São Paulo: Duas Cidades, 1968a. 2ª edição inalterada como Escritos de Filosofia VI: Ontologia e História. São Paulo: Ed. Loyola, 2001, p.121-161. As referências correspondem a esta edição.
- LIMA VAZ, Henrique C. de. Cristianismo e Mundo moderno. Paz e Terra, Rio de Janeiro, n. 6, p. 5-20, 1968b.
- LIMA VAZ, Henrique C. de. A 'crise' da PUC: descendo às raízes. Encontros com a Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, n. 10, p. 13-18, abr. 1979.
- LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. Meu depoimento. In: LADUSÂNS, Stanislaus (org.). Rumos da Filosofia atual no Brasil em auto-retratos. São Paulo: Ed. Loyola, 1976. p. 297-311. O Depoimento de LIMA VAZ foi reproduzido como Apêndice em PALACIO, Carlos (coord.).
- LIMA VAZ, Henrique C. de. Cristianismo e História I: homenagem a H. C. de Lima Vaz por ocasião de seu 60º aniversário. São Paulo: Ed. Loyola, 1982. p. 291-302. (Col. Fé e Realidade, v. 10). As citações são desta edição.
- LIMA VAZ, Henrique C. de. Cristianismo e Pensamento utópico: A propósito da Teologia da Libertação. Síntese Nova Fase, Belo Horizonte, v. 11, n. 32, p. 5-19, 1984. O texto, com o título "Cristianismo e utopia", constitui o Anexo X de LIMA VAZ, 1986a, p. 291-302.
- LIMA VAZ, Henrique C. de. Escritos de Filosofia I: Problemas de Fronteira. São Paulo: Ed. Loyola, 1986b.
- LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. Cristianismo e utopia. In: Escritos de Filosofia I: Problemas de Fronteira. São Paulo: Ed. Loyola, 1986b. anexo X, p. 291-302.
- LIMA VAZ, Henrique C. de. Religião e sociedade nos últimos vinte anos (1965-1985). Síntese Nova Fase, Belo Horizonte, v. 15, n. 42, p. 27-47, 1988.
- LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. Ética e Civilização. Síntese Nova Fase, Belo Horizonte, v. 17, n. 49, p. 5-14, 1990. Transcrito em LIMA VAZ, Henrique C. de. Escritos de Filosofia III, 1997, p. 121-138.
- LIMA VAZ, Henrique C. de. Ética e Comunidade. Síntese Nova Fase, Belo Horizonte, v. 18, n. 52, p. 5-11, 1991. Transcrito em LIMA VAZ, Henrique C. de. Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura, cap. 5, p. 139-151.
- LIMA VAZ, Henrique C. de. Transcendência: experiência histórica e interpretação filosófico-teológica. Síntese Nova Fase, Belo Horizonte, v. 19, n. 59, p. 443-460, 1992a. Transcrito em Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura, cap.8, 1997, p. 193-221.
- LIMA VAZ, Henrique C. de. Mística e Política: a experiência mística na tradição ocidental. Síntese Nova Fase, Belo Horizonte, v. 19, n. 59, p. 493-541, 1992b.



LIMA VAZ, Henrique C. de. Filosofia e Cultura na tradição ocidental. Síntese Nova Fase, Belo Horizonte, v. 20, n. 63, p. 533-578, 1993. Transcrito em LIMA VAZ. Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura, 1997. cap.1, p. 3-80.

LIMA VAZ, Henrique C. de. Cultura e Filosofia. Síntese Nova Fase, Belo Horizonte, v. 21, n. 61, p. 479-493, 1994. Transcrito em Escritos de Filosofia III, 1997, p. 81-99.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio A Religião Católica: possibilidades e perspectivas. Tradução de Alphonse Dupront. São Paulo: Ed. Loyola, 1995a.

LIMA VAZ, Henrique C. de. Tempo, Experiência, Absoluto: um itinerário da questão do homem. Síntese Nova Fase, Belo Horizonte, v. 22, n. 69, p. 241-258, 1995b; e reproduzida em LIMA VAZ, Henrique C. de. Escritos de Filosofia III, Filosofia e Cultura, cap. 10, p. 255-282.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura. São Paulo: Ed. Loyola, 1997.

LIMA VAZ, Henrique C. de. Metafísica e Fé cristã: uma leitura da 'Fides et Ratio'. Síntese - Revista de Filosofia, Belo Horizonte, v. 26, n. 86, p. 293-305, 1999.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. Meu Depoimento. In: NOBRE, Marcos; REGO, José Márcio. Conversas com Filósofos Brasileiros. São Paulo: Editora 34, 2000a. p. 40-41.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de Henrique C. de. Experiência mística e filosofia na tradição ocidental. São Paulo: Ed. Loyola, 2000b. (Col. CES v. 6). Trata-se de uma versão modificada do artigo LIMA VAZ, 1992b, p. 493-541.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. Marxismo e Ontologia. In: LIMA VAZ, Henrique C. de. Escritos de Filosofia VI: Ontologia e História. 2. ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2001. p. 165-217.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. Contemplação e dialética nos diálogos platônicos. Trad. do latim para o português de Juvenal Savian Filho. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

MUSSE, Ricardo. Da militância política à filosofia. Um panorama da filosofia brasileira. Folha de S.Paulo, São Paulo, 10 fev. 2001.

NOBRE, Marcos; REGO, José Márcio. Conversas com Filósofos Brasileiros. São Paulo: Editora 34, 2000.

PAIM, Antônio. História das Ideias Filosóficas no Brasil. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1967.

PAIM, Antônio. Liberdade acadêmica e Opção totalitária: Um debate memorável. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1979.

PAIM, Antônio. História da Ideias Filosóficas no Brasil. 6. ed. rev., v. I - Os problemas com que se defronta a filosofia brasileira. Ed. Humanidades, 2007, p. 63-69. Disponível em: [www.institutodehumanidades.com.br/arquivos/vol\\_i\\_problemas\\_filosofia\\_brasileira.pdf](http://www.institutodehumanidades.com.br/arquivos/vol_i_problemas_filosofia_brasileira.pdf). Acesso em: 12 jan. 2022.

SANTOS, José Henrique. Padre Vaz, filósofo de um mundo em busca de sentido. Informativo da UFMG, Belo Horizonte, n. 1353, ano 28, 13 jun. 2002. Disponível em: <http://www.padrevaz.com.br>. Acesso em: 12 jan. 2022.

## João A. Mac Dowell SJ

Doutor em Filosofia pela Pontifícia Università Gregoriana, em Roma, Itália; mestre em Teologia pela Hochschule Sankt Georgen, em Frankfurt am Main, Alemanha. Professor titular da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), em Belo Horizonte, MG, Brasil.

## Endereço para correspondência

João Augusto Anchieta Amazonas Mac Dowell

Rua Adelina Sales Pereira 217

Planalto, 31720-440

Belo Horizonte, MG, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.*